

# O MERCOSUL E A UNIÃO EUROPÉIA: UMA VISÃO RÁPIDA E OTIMISTA DAS VANTAGENS, DESVANTAGENS, SEMELHANÇAS E CONTRASTES.

Tarcísio Queiroz Cerqueira\*

Após a segunda grande guerra mundial, e com a experiência do fracasso das iniciativas anteriores de unificação, como aconteceu com o Tratado de Versailles e com a Liga das Nações, vários países do mundo concluíram que deveria ser tentada uma nova forma de convivência internacional.

Esta nova forma materializou-se em 23 de março de 1957, com a assinatura do Tratado de Roma, dando início ao processo de integração comercial dos países da Europa Ocidental. A CEE - Comunidade Econômica Européia (também chamada, modernamente, União Européia<sup>1</sup>, integra atualmente 15 países, com um total de mais de 350 milhões de habitantes<sup>2</sup>.

Mais recentemente, foi assinado o tratado da NAFTA - North American Free Trade Agreement, formalizando a unificação entre os Estados Unidos, o México e o Canadá. Firmado em 13 de agosto de 1992, entrou em vigor em 01 de janeiro de 1994<sup>3</sup>. A NAFTA integra outros 360 milhões de pessoas.

Na Ásia, no cinturão do Pacífico, incluindo a Austrália, e no Oriente, incluindo o Oriente

Médio, o aumento da quantidade de tratados acerca de questões comerciais específicas leva também a crer-se na existência de uma tendência para futuras unificações, se bem que componentes raciais e religiosos muito acentuados em certas culturas dificultam os processos de entrosamento entre alguns povos.

Não obstante, confirmando a tendência de que a comunidade internacional dirige-se para "os grandes espaços econômicos", o Mercosul foi assinado em 26 de março de 1991 em Assunção, integrando o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, e entrou em vigor em 01 de janeiro de 1995<sup>4</sup>. O Mercosul engloba 190 milhões de pessoas.

O passo seguinte, para alguns mais entusiasmados, mas cuja materialização vê-se como muito remota, seria unificar a NAFTA e o Mercosul, e constituir uma área continental de livre comércio que vá do Alaska à Terra do Fogo.

São inúmeras as críticas ao Mercosul, afirmando a sua inexequibilidade, ou seja, prevendo que

o mercado do sul será mais uma experiência frustrada. Um dos principais argumentos, vindos do emérito professor de Direito Internacional Público, Dr. Celso de Albuquerque Mello, afirma que os quatro estados sul americanos nada possuem que os conduza à sua integração, ao contrário da Europa, que sofria fortes pressões externas a forçar uma unificação. A América do Sul, diferentemente da União Européia, não conta com uma língua dominante, são culturas completamente alheias umas as outras, são economias não competitivas, mas complementares, entre nações que possuem um passado de diferenças e antipatias recíprocas<sup>5</sup>.

Não nos parece, com a devida vênia do querido professor. A Europa sempre apresentou, e ainda apresenta enormes dificuldades a qualquer integração, tais como o número de diferentes línguas e a sua história de guerras. Não há país europeu que não tenha um passado antigo e triste de violências, invasões e envolvimento em sangrentas guerras e revoluções. A América do Sul, se comparada à Europa, até que possui uma história pacífica e um terreno fértil para uma integração.

O tratado de Assunção, para a América do Sul, assim como o de Roma, em relação à Europa, é apenas um dos muitos tratados que unificam gerais e específicos setores da vida dos cidadãos da América do Sul. Talvez, o de Assunção seja apenas o mais importante, ou talvez, seja aquele que trata com maior globalidade as relações entre os estados membros e expressa claramente a intenção de unificar e harmonizar aspectos comerciais e legais, em geral. Além do Tratado de Assunção, gerador do Mercosul, existem inúmeros outros prévios tratados, tais como a ALALC<sup>6</sup>, e existirão outros ainda no futuro. Da mesma forma, além do Tratado de Roma, a Europa se unifica pelo Euratom (assinado, por sinal, no mesmo dia que o Tratado de Roma), pelo

Tratado do Carvão e do Aço, pelo Ato Único Europeu<sup>8</sup>, pelo Tratado de Maastricht<sup>9</sup>, etc..

O Tratado de Roma possui filosofia diferente de todos os outros. Ele estabelece uma federação, cria a Comissão das Comunidades Europeias e delimita prerrogativas do Parlamento Europeu. A Corte Européia de Justiça, assim como o Parlamento Europeu, e as Comissões das Comunidades Europeias (pois, a rigor, são várias), são entidades mais poderosas que as cortes de justiça e os parlamentos e assembléias legislativas nacionais, dos países que formam a CEE/UE. O professor Roberto Campos, do alto da sua reconhecida experiência, afirma que o modelo mais avançado de construção supranacional é o da Comunidade Européia, "... pois o esforço de integração extravasa o campo econômico para incluir política externa e defesa"<sup>10</sup>.

Pode-se acrescentar, de um ângulo exclusivamente jurídico, que a principal característica da CEE é possuir um tratado que corresponde a uma constituição federal, uma lei internacional que se sobrepõe a qualquer lei nacional, e uma corte de justiça que efetivamente aplica sanções, as quais devem ser levadas a efeito.

A Comissão das Comunidades Europeias estabelece metas, planos e políticas e os publica em seus livros brancos e verdes<sup>11</sup>. Abre espaço para opinião das partes interessadas nos assuntos que estão sendo discutidos - e evidentemente os interessados com mais dinheiro têm mais poder de interferir nas políticas e leis - e encaminha projetos de lei para o Parlamento Europeu.

Espera-se que o passado de muito pouco resultado no âmbito da integração latino-americana seja estímulo suficiente para melhorar. Afinal, o Tratado de Roma foi assinado há 39 anos, sua materialização, no início, foi lenta e custosa, e está sendo demorada, passo a passo, houve fracassos e retrocessos, mas o que se testemunhou,

e se testemunha, como resultado, são 39 anos de progresso. Lento, mas real. Talvez até cheguem, em breve a ter uma moeda única europeia, o que, reconhece-se, será o máximo da integração.

Em certas cidades de veraneio e balneários do sul do Brasil, a integração econômica constitui prática consagrada, em que as moedas de uso corrente já são quatro, não necessariamente nesta ordem de importância: o real, o dólar, o peso argentino e o guarani.

Na Europa, a vida - apesar de tudo, aí incluindo o clima - está melhor, agora, após a existência da CEE. Melhor dizendo, a vida seria pior se não houvesse o trabalho de integração da CEE. Não há dúvida de que a Europa integrada é melhor.

Será a América do Sul? Obviamente. Mesmo que modestamente, qualquer integração é melhor que nada.

Integração é das melhores saídas decentes para aliviar parte da crise. A produção e o comércio têm de ser facilitados para dinamizar a circulação de bens e serviços, criar frentes de trabalho e facilitar o crescimento, mesmo que a crise sobrevenha e se re-instale, após um certo período. Há que se integrar o mais possível: leis, normas jurídicas de todos os níveis, impostos e taxas, práticas, costumes, procedimentos judiciais e burocracias.

Deve-se ver a coisa toda como uma saudável renovação. Como consequência, integram-se outros aspectos da vida social, cresce a solidariedade entre os cidadãos, as pessoas se movimentam mais entre os países unificados, porque unificação significa queda de barreiras alfandegárias, simplificação, viagens mais baratas, incremento no turismo, melhoria de infra-estruturas nos estados membros. Universidades parti-

cipam mais umas das outras, bibliotecas oferecem seus acervos entre si, estudantes, cientistas-pesquisadores e professores miscigenam em um crescendo, e é possível que gerações futuras cresçam com menos cicatrizes e cerceamentos nacionais, regionais, e, inclusive, raciais, o que só fará promover a integração.

É óbvio que pelo meio do caminho ânimos nacionalistas vão se acirrar, muitas vezes, lembrando os ranços passados e pregando a independência, a soberania radical e o segregacionismo como formas melhores de sobrevivência. Principalmente quando, para alguns, não houver interesse na integração.

Não se está alardeando um casamento sistemático entre brasileiros, paraguaios, uruguaios, argentinos e chilenos, ou entre o resto da América do Sul, só se está prevendo, a longo prazo, o que de bom poderá acontecer. Seria sinônimo de progresso, se a história da América do Sul pudesse dizer - assim como a da Europa já o faz - que brasileiros, paraguaios, uruguaios, argentinos, e outros, lutaram entre si no passado, depois passaram uma temporada como nações "soberanas", totalmente independentes, tolerando-se uns aos outros, mas, em seguida, tentativa após tentativa, tratado após tratado, foram se tornando mais civilizados e inteligentes, unificaram-se e passaram a constituir um sólido bloco econômico e político, organizado, produtivo, competitivo, melhorando a vida de todas as pessoas. Muita gente, principalmente pelos lados da Europa e da América do Norte, acha que nós, sul-americanos, não temos muita afinidade com questões relacionadas com organização, honestidade e trabalho sério. Ledo engano, e demonstração de desconhecimento da realidade da atual geração.

É fácil, e não menos verdadeiro, prever que o Mercosul será lento, doloroso, ausente, ineficaz,

caro, lotado de burocratas e pouco confiável. Mais uma iniciativa pública tende a falir, como na CEE - e não se vê porque não devemos explorar a experiência da CEE, por mais diferentes que sejam nossas realidades. A América do Sul, talvez, seja o lugar certo para as iniciativas particulares ou privadas, já que as públicas de há muito se provam inviáveis.

Entretanto, é inegável que os burocratas da CEE lograram formar uma estrutura que, parece, não possui mais chances de retorno: não mais se cogita possível existir a Europa Ocidental sem a CEE. O que se vê, ao contrário, apesar dos inegáveis problemas, é crescimento e desenvolvimento, uma lista de países recém-admitidos e outra de países que querem ser admitidos, pois aspiram beneficiar-se da CEE. O que quer dizer que há alguma vantagem efetiva na integração.

Possivelmente, os suecos, finlandeses e noruegueses venham a "torcer o nariz", tendo que passar a ver mais turistas de baixos padrões de comportamento nas suas ruas e praças, e alguma coisa em seu "status" caia, mas também poderão se servir de um turismo mais barato, viajando mais e, com mais facilidade, poderão adquirir produtos ingleses, italianos, franceses, portugueses, espanhóis, gregos, etc. que lhes serão oferecidos com mais vantagens.

Possivelmente, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile terão mais com que se beneficiar, no Mercosul, que o Brasil, em certos aspectos<sup>12</sup>, mas, qualquer profissional gostaria de ver seu mercado mais facilmente estendido; gostaria de poder adquirir, com mais facilidade, o que se produz nos outros países, de poder viajar para lá com menos problemas, de ter acesso irrestrito à sua cultura, de ser mais bem tratado quando lá chegasse. Não me refiro só ao Uruguai, Paraguai, Argentina e Chile, mas a todos da América do Sul. Além do que, todos nós precisamos de investimento estrangeiro.

As permanentes ameaças para o Mercosul - como para a CEE e para a NAFTA - são o excessivo aumento da quantidade de normas legais, o excesso de política, a falta de prosseguimento dos ideais originais do Tratado, o nepotismo e a corrupção, que decuplicam os custos e promovem a inépcia, e outros.

A CEE possui uma série de problemas idêntica a que o Mercosul irá ter. Entre eles, destacam-se a burocracia que se avoluma em Bruxelas, o excesso de pessoal e casos correlatos de má prática de funcionários públicos.

Além disto, ocorre na CEE - como acontecerá com o Mercosul - uma série de concretas desvantagens para uma parte da população. O funcionário dos correios em Bristol, no sudoeste da Inglaterra, por exemplo, não pode nem ouvir falar de Comunidade Econômica Européia. Para ele, a "European Community" representou apenas um aumento brutal nos impostos que paga ao adquirir produtos e serviços. Ele afirma, sem constrangimento, que este é o único resultado efetivo que ele percebe: a obrigação de pagar o custo de se pertencer à CEE. Para ele, não há vantagem.

Totalmente diferente opinião tem o pequeno pecuarista e agricultor do condado de Gloucestershire, que recebeu, no ano passado, 230 mil libras esterlinas - quase 350 mil dólares - como subsídio, fornecido pelo DGIX (Directorate Generale), da Comissão das Comunidades Européias, para poder melhor suportar as durezas do inverno.

Também a favor estão o profissional liberal, o técnico em computação, o fabricante, o vendedor, o distribuidor, o representante comercial, o comerciante importador/exportador, o advogado internacional, o consumidor, o estudante de qualquer nível, idade ou disciplina. Sem falar no pesquisador e no cientista.

## A EUFORIA CIENTÍFICA NA EUROPA

Na Europa, a área científica vive uma autêntica euforia. Nos últimos anos, multiplicaram-se por várias vezes as entidades inter-européias que têm por fim promover congressos científicos, viagens, intercâmbios culturais, financiar projetos e garantir a estadia de estudantes e pesquisadores de diversas áreas nos diversos países europeus. O intercâmbio cultural, principalmente na área acadêmica, explodiu nos últimos anos, tomou nova força com a existência e auxílio financeiro concreto e direto da CEE<sup>13</sup>.

No Brasil, nós não consideramos como deveríamos as culturas de nossos vizinhos mais próximos e temos sido excessivamente protecionistas. Talvez, o Mercosul melhore um pouco este aspecto. Não há dúvida que, apesar das grandezas do Brasil, seria altamente profícuo um mais intenso intercâmbio entre pesquisadores e cientistas dos países sul-americanos.

A barreira da língua é enorme na Europa, onde o inglês, o francês, o italiano, o alemão, o grego, o espanhol, o português, o holandês, e agora o dinamarquês e o sueco, são considerados idiomas oficiais da CEE. Isto quer dizer que todos os documentos oficiais, leis, regulamentos, diretivas, etc., devem ser impressos em todas essas línguas. Somem-se os dialetos bascos, galeses, suíços e muitos outros. Um verdadeiro cipoal de línguas.

No Mercosul, o artigo 17 do Tratado de Assunção determina que os idiomas oficiais são o português e o espanhol - nada mais. Alguns estados brasileiros, a propósito, já incluíram o

espanhol como língua obrigatória nas escolas. Bom para os alunos dessas escolas, sabendo-se que o espanhol já superou o francês em importância mundial.

Críticos questionam a existência de condições, na América Latina, para a realização do Mercosul. As condições são evidentes: os países são fronteiriços e formam um bloco geográfico.

Os estados membros do Mercosul têm mais condições de integração que os da Europa. Nenhum dos países da CEE parece disposto a abrir mão de suas estruturas e burocracias, de seus hábitos arraigados, suas regras informais ou suas leis formais e suas tradições, para adotar uma espécie de "padrão" europeu. A despeito de não faltar propaganda e estímulo para isso. Lá as diferenças foram, e ainda são, muito mais gritantes. São raças e culturas diferentes, que existem há milênios. Uma interminável sucessão de guerras e ódio conta a história dos europeus<sup>14</sup>. Ainda não se sabe, na verdade, até que ponto ser-se-á capaz de unificar sem violentar as fortes raízes nacionalistas que caracterizam, por exemplo, os alemães, de um lado e os franceses e ingleses, espanhóis e portugueses, gregos, dinamarqueses, italianos e irlandeses, do outro, ou até que ponto tais robustos sentimentos, que têm sido presença constante na Europa nos últimos vinte séculos, permitirão uma unificação e uma centralização ao nível que se deseja, ou que se programa no Tratado de Roma ou no recente e polêmico Maastricht. Tem parecido ser mais fácil ter-se uma moeda comum que ideais comuns.

# Notas Bibliográficas

1. Após 01 de novembro de 1993, quando o tratado de Maastricht entrou em vigor.
2. O Tratado de Roma foi assinado originalmente por seis estados membros: França, Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. O Reino Unido (Inglaterra), a Dinamarca e a Irlanda aderiram em 1973. A Grécia, a Espanha e Portugal agregaram-se em 1979. A Noruega aderiu em 1973, mas um "referendum" interno determinou sua retirada. Josephine Steiner, em "Textbook on EEC Law" (Blackstone. 1994. Londres).
3. United States Information Service. Embaixada de Londres. Inglaterra.
4. Denominou-se "Tratado de Assunção".
5. Veja "Considerações sobre o Mercosul", Prof. Celso de Albuquerque Mello (Boletim Científico da Universidade de Gama Filho. Rio de Janeiro. Ano 1, No. 10. p. 6).
6. Também chamado de tratado de Montevideu de 1960, firmado em 18 de fevereiro de 1960.
7. Firmado em 12 de agosto de 1980, que substitui a ALALC e integra Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.
8. Assinado em 1986.
9. Firmado em 01/11/93.
10. in 'Antologia do Bom Senso' (Top Books. Bolsa de Mercadorias & Futuros. 1996. "A nova agenda mundial". p. 40).
11. O "Livro Branco", em geral, é distribuído primeiro, e declara a necessidade de regulamentação, traça as políticas em sentido mais amplo, os objetivos maiores. O "Livro Verde" entra em detalhes, chama para uma audiência pública e estabelece parâmetros.
12. "A economia brasileira produz, em menos de uma semana, aquilo que a paraguaia leva um ano para realizar,... o Uruguai inteiro cabe, com folga, na grande Porto Alegre. Como possibilidade de ampliação de negócios o mercado brasileiro é muito mais importante para os outros países do bloco do que os deles para o Brasil... Os negócios com todo o Mercosul respondem por 13% das nossas exportações. Em termos de volume, a Europa, que recebe 28% de nossas vendas internacionais, e os Estados Unidos, com 20% são muito mais expressivos para o Brasil". Revista Veja. 04/01/95. p. 81.
13. Projeto "Erasmus" e "ELSA - European Law Students Association", entre outros.
14. É fato que "na América Latina só tem ocorrido 'progresso' no crescimento da pobreza de suas populações", como afirmam alguns, mas é também fato que, mesmo admitindo termos passado as últimas décadas combatendo a inflação e a corrupção, governo após governo, político após político, estados como os do sul do Brasil e centros de desenvolvimento como São Paulo, o Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e o Norte do Paraná, apenas para citar alguns poucos - há inúmeros - só fazem crescer e se desenvolver, fornecendo uma qualidade de vida comparável (em alguns casos até melhor) ao primeiro mundo.